

## Ecoss d'África

• Não foi nem será em vão o sacrifício

NÃO fora a preocupação que nos vem de Angola, seria fonte de muita alegria o nosso regresso a África, também pela solidariedade manifestada, em palavras e actos, como adiante se vai ver. A nossa fé e esperança de que não foi nem será em vão este sacrifício, tem sido espontaneamente partilhada por tantos, que nem uma ou outra voz de «velho do Restelo» enfraqueceu a nossa determinação.

Aliás, nós, portugueses, somos assim: grandes só diante de empreendimentos difíceis e que não se apresentam evidentemente com um «fim feliz». Foi assim na hora dos descobri-

mentos de que se andam celebrando os quinhentos anos. Tornou a ser assim quando a nossa presença em África foi contestada. Foi como que uma redescoberta que nos levou a apreciar o que tantos anos (séculos...) parecera esquecido; e a valorizá-lo a um ritmo de crescimento que era dos maiores de toda a África. Nós somos um povo de gestas... mas de pouco fôlego.

A este respeito não resisto a dar à estampa, carta dum General do nosso Exército, com a autoridade que lhe assiste:

«Agradecia que o chequé fosse encaminhado para alguma das vossas Casas em Angola cuja popu-

lação continua a ser vítima dum cruel e infundável martírio, consequência dos dois partidos em luta terem, lendo ambos pela mesma cartilha, convencido muitos a levarem à prática o princípio maoísta de que 'o poder está no cano da tua espingarda'.

Nos acordos de Alvor e Bicesse não aceitaram a presença das forças pacíficas que havia e continua a haver em Angola e por isso se encontram num beco de que só por grande milagre poderão sair.

Julgo que há que voltar ao princípio e que os mediadores oiçam os partidos não armados e as organizações de carácter civil e religioso,

dando-lhe prioridade e ascendência sobre os 'senhores da guerra'.

Paradoxalmente o período em que Angola conheceu mais progresso e as suas populações melhor vida foi o período da chamada guerra colonial.

Antes dela era o desinteresse da Metrópole; depois dela foi o descalabro.»

Porém, a nossa empresa é outra. Brota do Evangelho. É iluminada pela mística de que é preciso «perder a vida para a ganhar». É o Homem o nosso assunto; e o objectivo libertá-lo para o tempo e para a eter-

Continua na página 4



Ao longo de cinquenta anos muitas centenas de rapazes passaram pela Casa do Gaiato de Paço de Sousa

## ENCONTROS em Lisboa

### A problemática dos emigrantes

SEM muito tempo para ir ao pormenor das notícias, limito-me, às vezes, a tentar perceber o movimento dos acontecimentos. Há pouco tempo, os nossos Bispos chamavam a atenção para a problemática dos emigrantes, sentindo que a legislação estava a apertar demasiado as malhas, não dando a possibilidade de resolver muitas situações humanas que nos batem à porta. Recordo que alguém, no Governo, reagiu dando a entender que os Bispos estavam mal informados.

Esta semana fui confrontado com duas situações que têm a ver com a situação de estrangeiros.

Fiquei preocupado com a sorte de muitos.

Apresentei-me no Serviço de Estrangeiros a fim de legalizar a situação de um moço que vive em nossa Casa. Através do guichet passei os diferentes papéis necessários e ouvi a seguinte resposta: — Não pode legalizar-se, terá que sair do país. Fiquei perplexo e acrescentei: — Se já está a ser criado por nós há nove anos, não pode legalizar-se? «Não, saíu uma lei em Março e não há nada a fazer, tem que ir embora.» Perguntei: — Para onde? «A lei é taxativa, não podemos fazer nada.» Voltei à fala: — Não há ninguém que possa resolver isto? «Só fazendo um requerimento ao sr. Ministro e duvido.» O assunto acabou por

se resolver porque, entretanto, lembrei-me que os documentos que apresentava eram os que tinham sido pedidos depois de várias tentativas feitas nos últimos anos para resolver o problema e apresentei uma carta anterior ao tal decreto de Março.

Uma segunda situação aconteceu assim: Desloquei-me a uma paróquia e fui abordado por alguém preocupado com a sorte de dois pequenos. Como nesse dia não dava para irmos ver, pedi que me escrevesse a dar morada e algumas referências. Pelo que me disse, deduzi ser situação difícil e, na mira de ser necessária uma intervenção do Tribunal de Menores para ajudar a salvar os direitos das crianças, pedi que desse conhecimento ao Centro Regional de Segurança Social. Foi-me dito que já tinha conhecimento porque a Escola já informara. Passados dias recebi um telegrama da pessoa comunicando o seguinte: «A técnica de Serviço Social não faz relatório nenhum porque

Continua na página 3

## Moçambique

A nossa Casa está cheia de vida!

É a idade, o trabalho e a responsabilidade que desponta. Só há verdadeiramente calma, no andar da noite, quando se faz um convite ao silêncio porque o gerador será desligado.

Os mais pequeninos são muitos. Mas o menor de todos é o Bruno Alberto. Ainda não fez dois anos, Começa a falar, Vem ao colo de muitos, não dum qualquer. Na hora do adormecer é preciso ficar o Rui à beira. Não quer o berço. Quando está bem disposto canta; quando não, faz que chora para o aconchegarem. E o Rui, de onze anos, é dum carinho extremo para com ele. Todos dormem no seu quarto. Neste momento o Bruno, porém, chama pela mãe — «quero mamã» — a dar Catequese a um grupo de baptizados. Um trabalho necessariamente frutuoso, muito confiado ao Espírito Santo que tem o segredo do germinar da semente que lançamos na alma tão misteriosa destes pequeninos seres; herdeiros duma ancestralidade espiritual muito mágica e mais ainda duma variedade de vícios adquiridos na rua. E ao fim do dia, quando lavados e de estômago aconchegado por uma boa refeição, soma-se a Catequese a tudo o que durante ele foi preciso dizer ou fazer.

O Albino fez 17 anos, ontem. Mas só hoje, à noite, partiu o bolo e o distribuiu pelos irmãos. Enquanto escrevo, oiço o Diogo a chamar pelo Albino que não atende. Preocupa-me a chamada insistente. Vou e descubro: está castigado pelo chefe porque fazia muito barulho na camarata.

Continua na página 3

## Conferência de Paço de Sousa

**ACÇÃO VICENTINA** — Na hora em que avaliamos, periodicamente, o ser e o agir dos nossos Pobres, um vicentino levanta a voz comunicando que «*F. confessa que já não precisa d'ajuda*».

Quando isto acontece, é um momento alto, diríamos feliz. O próprio Pobre reconhece que dos meios à sua disposição, partilhados pelos nossos Leitores, conseguiu vencer a miséria, integrar-se no meio, promover-se socialmente. É a nossa missão!

Quem dera pudéssemos ouvir estas boas novas doutros mais. Todavia, há que botar a mão a idosos, viúvas, doentes crónicos ou não, pensionistas, desempregados, autoconstrutores... Inclusive, colaborando assiduamente na acção doutros(as) recoveiros(as) dos Pobres, pois a Caridade é universal.

Ao correr da pena, não deixa de ser oportuno referir, também, que a Sociedade de S. Vicente de Paulo (históricamente o primeiro movimento de leigos da Igreja...), está em *maré alta* na Diocese do Porto, mercê dos quadros responsáveis pelos respectivos *Conselhos Centrais*. Numa acção programada têm ajudado a criar novas Conferências Vicentinas. E mais: *ressuscitam* outras, mortas ou inactivas! Em sentido lato, concretizam um sonho que Pai Américo acalentou e difundiu aos cristãos, em muitas das suas missões apostólicas: «*Cada freguesia cuide dos seus Pobres*».

Está na iminência de ser reestruturado o *Conselho Particular do Vale do Sousa*, agregando Conferências mistas e masculinas da Região. Para a nossa missão é importante a função, o objectivo destes Conselhos regionais, em todos os aspectos. Reúnem equipas vicentinas que, invocando o Espírito Santo, partilham êxitos, fracassos, e tomam iniciativas em proveito dos Pobres. Assim, melhor são entendidas as carências a nível regional. E contribuam, humildemente, para revelar o Mandamento Novo aos homens de boa vontade, já que os Pobres são os predilectos de Jesus. E a Igreja «*é comunhão*».

**PARTILHA** — Assinante

# Pelas CASAS DO GAIATO

14493, do Porto: «*Com toda a amizade, junto a minha pequena ajuda, referente a Maio, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Que Deus nunca vos desampare para remarem contra um mundo cada vez mais feio*».

Dois mil, do assinante 8632, do Porto. Metade, também do Porto, e uma nota comum: «*Guardem anonimato e peço que não me agradeçam*». Só Deus sabe!

Vale postal, da Foz do Douro, «*de 10.000\$00 para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, se possível destinados a uma viúva com filhos. Ofereço esta pequenina lembrança por alma de meus queridos pais. Deus me dê muita resignação, pois faz três anos que a minha mãe foi para Jesus e eu tenho tantas saudades!*»

O costume, do casal-assinante 11902, do Fundão, «*com a amizade de sempre*». Mais 3.500\$00, do assinante 17258, de Bagueim do Monte — Rio Tinto. Cinco mil, do assinante 9790, de Oliveira de Douro (V. N. Gaia): «*Ouso pedir uma oração por todos os nossos irmãos doentes do corpo e da alma para que o Senhor os console e ampare e saibam aproveitar os seus males para o Bem do Mundo*».

Mais um vale postal da assinante 13329, do Porto. Outro, ainda, do assinante 16696, de Venda do Alcaide, «*para os nossos carenciados e apoiados pela Conferência de Paço de Sousa. Não precisam fazer despesa em acusar recepção*». O possessivo *nossos* revela o seu amor cristão.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**CINQUENTA ANOS** — Como tinha referido, a nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa fez 50 anos em 31 de Maio. Meio século!

Fizemos a comemoração a partir das 17,30 h. Deixámos o trabalho e preparámo-nos para a celebração da Missa, às 19 h, concelebrada pelos Padres da Rua, excepto os que estão em África. Depois, uma refeição diferente e mais alegre. Estiveram alguns (poucos) convidados. E os meios de comunicação social transmitiram reportagens sobre o evento, sobre a Obra da Rua na generalidade.

**FUGITIVOS** — Há muito tempo que não havia tal coisa! Os pequenos fogem com mais facilidade e os maiores não. O «*Bolachinhas*», o Renato e o «*Mosquito*» abalaram (já são grandinhos) e regressaram um dia depois. Saudades da rua...!

**PRÓXIMAS FÉRIAS** — Já se fala na praia, na piscina, no fim das aulas. Em relação à piscina ainda ninguém se preocupou... Na praia falta alguma coisa, mas tudo ficará em ordem na altura própria. Das aulas é que se fala mais, pois os estudantes estão ansiosos por saber os resultados do seu esforço!

**CASA UM** — Neste momento é a mais interessante da nossa Aldeia. Está a ficar uma *pousada*! Estamos ansiosos por vê-la completamente pronta. O nosso Padre Luiz já

lá pernitoitou. Foi ele que a reinaugurou.

**DESPORTO** — Defrontámos uma equipa dos Bombeiros de Paço de Sousa e, sem os principais jogadores, vencemos por 4-0.

«*Vitinho*»

*A ti  
onde quer  
que estejas*

*Em qualquer lugar  
Penetro as pessoas  
E as coisas  
Com o meu olhar.*

*Porque vivem as pessoas  
Na monótona rotina?  
Porque não são criativas  
E andam à toa?*

*Por detrás das fachadas  
Das grandes cidades,  
Do inútil consumismo  
Dos centros comerciais  
Há dores e lágrimas  
E profundos vazios  
Morais e espirituais.*

*O meu telefone não quer tocar.  
Sinto anseio.  
O meu peito  
Escuta o murmurar  
Do rio nocturno...  
E as vozes dos adultos.*

Manuel Amândio

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Já há algum tempo que dorme fora de casa, expulso pelo pai. O vinho tem destas coisas.

O Armando conta 16 anos. Vem marcado pelas privações. Como trabalhava, pessoas amigas davam-lhe de dormir e o patrão de comer. Gostava do moço, mas foi sol de pouca dura. Os clientes começaram a faltar e a porta do trabalho fechou-se. Sem trabalho e onde comer, veio juntar-se a falta de lugar aonde dormir.

O pai não o quer ver. A mãe tem medo do marido. De vez em quando também é posta fora de casa. Depois volta para junto dele. Não tem para onde ir e sujeita-se ao mau trato. Mesmo assim, ela faz o que pode, pelo filho, sem o marido saber: dá-lhe de comer, deita-o na casa de banho (se assim podemos chamar), fica fora da sala dividida por placas de madeira. A idade do Armando é crítica para ser internado numa instituição aonde possa crescer em liberdade e sem

medo. Andamos preocupados, que a falta de verba para o alojamento por algum tempo, em parte, é o travão.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — De um assinante do Porto, 2000\$00. Assinante 3359, 1000\$00. Em vale postal, 2000\$00 da assinante 8896. Anónima, 2000\$00. Mais 500\$00 de outro, 1000\$00, da assinante 3359. Anónima, 4000\$00. Douro, 500\$00. Mais 2000\$00 no Espelho da Moda. «*Sou assinante, pessoa idosa com reforma pequenina mas nunca me esqueço de vós*» — 2000\$00 de uma assinante. «*Meus bons amigos, peço desculpa de só agora dar sinal da minha presença*» — 5000\$00 de uma mãe agradecida.

Bem hajam pela ajuda que nos dão.

Adelaide e Zé

## Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

**CONVÍVIO** — Como é habitual, a Associação levará a efeito no dia 18 de Julho o tradicional Convívio em Paço de Sousa.

Terás a oportunidade de rever, mais uma vez, colegas espalhados pelo País e pelo estrangeiro que, nesse dia, matarão saudades, além da convivência com os gaiatos mais novos.

Um dia cheio de alegria! Como sabes, este Convívio serve também para comemorarmos 37 anos desde que Pai Américo nos deixou, mas no Céu está a pedir por nós.

Não faltes! A presença de todos será o mais vivo testemunho da nossa gratidão à Obra da Rua.

Queremos que a festa seja apenas para os gaiatos e seus familiares directos: esposa, filhos, pais e sogros, namorado de filho ou filha. Queremos, assim, evitar a presença de pessoas estranhas à nossa Família.

Se não tiveres transporte avisa, diz as pessoas que tens e providenciaremos a tua deslocação.

Programa: 9,30 h. — Concentração à entrada da nossa Aldeia, com a entrega dum autocolante aos nossos colegas e acompanhantes. 10 h. — Provas de atletismo para miúdos ou miúdas até aos 12 anos e velhinhas até aos 70 anos, com atribuição de lembranças. 11 h. — Deposição

dum ramo de flores na campa de Pai Américo. 11,30 h. — Missa. Depois, o almoço. À tarde: Conversa focando aspectos da União das Associações. Um acto de variedades. No local, pagamento de quotas e inscrição de novos sócios.

Fernado Marques

## Festas

### • SETÚBAL

### Espectáculo renovado de sala para sala

**NUNCA** me satisfazo de ver a Festa deste ano! É um espectáculo renovado de sala para sala e de fim-de-semana para outro fim-de-semana. São os rapazes que vão criando e apresentam sempre coisas novas e é a assistência que reage de forma diferente de terra para terra. Normalmente coloco-me na sala em ponto de onde possa gozar a vista do palco e da assistência e vejo-me por vezes mais arrebatado pelos espectadores do que pelos «*artistas*». Bocas abertas, olhos arregalados e presos, aqui e ali marejados de lágrimas. Um gozo e uma alegria contagiantes que nos inundam a alma e impelem a bem dizer todos os sacrifícios.

O último espectáculo foi na vigília da festa do Espírito Santo. Uma verdadeira meditação e oração em que o Espírito de Deus pairava visivelmente sobre todos os corações, fazendo-os transbordar dos seus dons.

Padre Acllio

12 de Junho, 21,30 h  
— Teatro Aveirense  
— AVEIRO

19 de Junho, 21,30 h  
— Teatro Gil Vicente  
— CASCAIS

25 de Junho, 21,30 h  
— Cine-Teatro José Lúcio da Silva  
— LEIRIA

26 de Junho, 21,30 h  
— Cine-Teatro João da Mota  
— SESIMBRA



Armazéns da Casa do Gaiato de Benguela

# Moçambique

Continuação da página 1

Muito bem. O Diogo continuou *fechado* até o Albino voltar.

Eles vão despertando, a pouco e pouco, para a sua responsabilidade de mais velhos e participantes na educação dos mais novos. Todavia os mais velhos dão preocupações, também. Estão cheios de vida. Há dias, cheguei com uma carada de milho. O nosso Julião pegava um saco de 50 Kg, debaixo do braço, e o arrumava na pilha. Dois trabalhadores que vieram ajudar, só os dois podiam com um saco. Estão com força. É preciso ocupá-los bem. Este é tractorista. Há outro, ainda, no mesmo ofício. Normalmente não há tempo para devaneios. Mas na entrega de materiais para as casas melhoradas que estamos a fazer na aldeia, há paragens e enlevo quando encontram raparigas. Elas são assanhadas porque não há ninguém mais bem vestido nem com melhor futuro na aldeia do que os nossos. Aí o perigo dum fracasso, no crescer deles, se dão um mau passo. Por isso, a nossa preocupação em preveni-los do perigo, em admoestar, dar-lhes ensejo e coragem para que cuidem de si mesmos e do seu futuro em primeiro lugar.

Com certeza digo, muitos da nossa antiga Casa são

hoje uns fracassados. Vivem de qualquer maneira, sem ter constituído sólidamente família, à actual maneira africana. Ficaram sem amparo e hoje são um triste exemplo para estes, mas uma lição preciosa para fundamentar o que lhes ensinamos.

Infelizmente, à nossa volta, não há respaldo nem espelho que reflita para eles a imagem verdadeira da união matrimonial. Abundam homens com duas mulheres, mulheres com dois homens, sem contar as que são de muitos ao mesmo tempo. No geral quando um deixa, outro toma. É uma insegurança total. Exemplo: Temos um pedreiro e uma lavadeira que vivem juntos. Ela vai no terceiro. Ele na segunda. Na oportunidade de os beneficiar com uma casa melhorada, falou-se com os dois. Dizem da sua determinação de continuar juntos. É necessário, porém, decidir em qual dos lotes se vai construir. Ficou assente no dela por ser mais próximo do serviço. Isto no sábado. Na segunda, o mestre de obras recebeu instruções e foi marcar os alicerces para o interessado abrir. Aí puxou para o lote dele. Mas como o trabalho é trabalho, e uma casa é mais sério ainda, o mestre veio dar



O «Milagre» contente num dia livre

contas. Já tinha decidido deixar a mulher. Agora nada de casa até se ver. Dá vontade de dizer: Se a família é

a base da sociedade, em que base se há-de construir Moçambique? Sem exageros!

Padre José Maria



Hora da merenda!

## ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

tem directivas superiores para agir assim com estrangeiros, e nem sequer pedem internamento para eles». Só nesse momento soube que as crianças eram estrangeiras e fiquei pasmado com o que ouvira.

Como diz o povo, «não há fumo sem fogo». Não sei da existência de tais directivas, mas temo que esteja a ser posto em marcha algo que só nos pode envergonhar no futuro e no presente, mesmo que essas coisas sejam cheias

de boas intenções. Espero não me vir a sentir estrangeiro no meu próprio país, porque, por este andar, estamos a destruir a nossa própria alma de povo sensível aos problemas alheios e a deitar fora a tradição cristã que nos vem dos tempos bíblicos de acolhimento ao estrangeiro.

Escrevo estas notas no dia em que a nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa faz 50 anos. Muitas centenas de rapazes passaram por lá. Creio que nunca a cor ou a nacionalidade foram impeditivos para aí entrarem. O único critério é ser uma criança em necessidade.

Que assim continue e esta lição se perceba.

Padre Manuel Cristóvão

## Uma carta

«Por razões de peso resolvemos que devíamos voltar para Portugal. Deixei em S. Paulo (Brasil) 4 filhos, 4 noras e 7 netos (destes nem conheço 'ao vivo' os dois mais pequeninos!). Tenho duas filhas solteiras em Matosinhos, quase Foz, mas meu marido e eu estamos no Alentejo, no duro! Vamos, pelo menos, duas vezes por mês para estar com elas, e foi numa dessas idas que assistimos ao que o Padre Carlos disse na Missa nos Padres Carmelitas, sobre O GAIATO. Quando acrescentou que assinar o jornal, tudo bem, mas o que tínhamos era de assumir o compromisso de o ler; olhe que foi uma boa chamada à consciência! Acho que já nos longínquos anos em que vivíamos em Lisboa e assinávamos O GAIATO, era com a ideia de ajudar a Obra da Rua. Com aquilo que disse, passa-se agora o contrário — o jornal é que nos está a ajudar a nós! (Quando digo eu, quero dizer nós — meu marido e eu). Deus lhes pague por me terem ajudado nesta conversão.

Muito obrigada por tudo o que estamos a receber através da Obra da Rua. Assinante 57276»

## DOCTRINA



E há precisamente outros tantos anos que inúmeros leitores destas regras sedutoras...

**M**AIS doze fascículos da obra *A Mulher*, tais quais vindos da casa editora. É pensamento de quem oferece, e vontade de quem aceita, trocá-los por pão, a bem da mesa das Colónias de Férias que tem de ser posta quatro vezes ao dia, durante os meses de Julho a Outubro; e aqui lanço este pensamento e esta vontade com a mesma esperança do sementeiro que lança na terra o grão de trigo. Por eu saber quanto amam a Deus os leitores e amigos da Obra da Rua, é que dirijo meus passos e seguro a minha vida na certeza de ser por eles atendido; porquanto este amor, o único que qualifica e valoriza as nossas obras, é o fundamento de tudo quanto no mundo há de verdadeiramente grande, belo, duradouro e eterno e é ainda o penhor da minha confiança sem limites, nos rogos e apelos que faço aqui. Sem ele, diz o Apóstolo de si mesmo, «nada sou. Ainda que distribuisse todos os meus bens no sustento dos Pobres», continua, «nada disso me aproveitaria». Quantas vidas mortas e quantas obras desqualificadas por falta deste amor! E uma vez que estamos ocupados com *A Mulher*, deixa-me dizer-te que a oferecida e rifada por uma professora do Liceu produziu uma carapuçada de notas e a pessoa a quem ela saiu não a quis e ofereceu-a para a Casa de Repouso do Gaiato Pobre.

**T**ENHO andado há um ror de tempo para te comunicar que aquele cálice antigo e mui precioso, oferecido em um peditório de Igreja por uma família estrangeira, vai servir na Catedral de Lourenço Marques (Moçambique), ainda em construção, por uma conta calada. A dita família, a casa de quem fui por ele, quis saber se eu nunca havia tido rasgos de um decidido «tome lá» na maré dos peditórios; e ouviu o meu não, espantada.

**M**AIS um saco de arroz da Quinta do Rol e mais dois cântaros de azeite, de Lisboa; e mais um dito, de um sacerdote. Estou em nove cântaros e meio e eu pedi dez. Não julgues ser desperdício de cozinheiras, se os cem litros se gastarem, porquanto temos na Casa do Gaiato cinquenta bocas a rilhar e o número não baixa até o dia último de Setembro. Se és boa dona de casa, faz as contas e absolve-me.

**M**AIS uma migalhinha do meu Prelado. A gente não faz as coisas para ser visto, mas gosta muito que nos vejam. O Prior de Santa Clara e Capelão da Rainha Santa tinha-me convidado a fazer um peditório naquele templo a bem dos catraios da rua; e eu escolhi o domingo passado para entender a mão, à vista do caixão daquela que subiu tão alto, não por ser rainha, mas sim somente por ter descido aos Pobres e viver como eles, pobre também. O peditório rendeu noventa e sete escudos e cinquenta centavos (o ano passado noventa escudos). E, destarte, no meio de canseiras e de trabalhos, de esperanças e de desalento, chego ao fim do dia muito cansado e muito contente. Festeiros da Rainha Santa subiam mais eu, àquela hora do dia, a ladeira estugada do famoso templo. Ajoelhei, minutos recolhidos e silenciosos, nos degraus do altar, a medir os séculos e a santidade da Princesa de Aragão, na sua derradeira morada. Fora, o clarim do quartel vem profanar lugar e oração. Dá tanta pena ver a facilidade com que o mundo se conforma e aceita o desalinho das coisas espirituais! Tudo ali fora feito de propósito e recorda ainda o salmear das filhas espirituais de Clara de Assis, a tal ponto que a vida do quartel é hoje e será sempre uma violência qualificada; não se sabendo verdadeiramente quem lucrou com a mudança nem quem colhe e aproveita dos seus benefícios!

*O. Amín. 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

# ECOS D'ÁFRICA

Continuação da página 1

nidade. Por isso, evidente ou não, o fim sempre será feliz. E é extremamente reconfortante que tantos assim pensem, a julgar pelas presenças, em palavras e actos, de que se vai dar notícia.

«Uma migalha que possa juntar-se a outras migalhas para formarem um pão capaz de saciar esses povos famintos de paz, de amor, de pão, também da evangelização, partilhando com eles as dificuldades no dia a dia». Termina com «um abraço fraterno a todos os rapazes». Vem da Senhora da Hora.

«Nesta Quaresma 'renuncio' a comprar uma camisa com o dinheiro que as minhas filhas me obsequiaram no 'Dia do Pai', porque camisas tenho eu e do que tenho necessidade é de manifestar/partilhar o amor com os que precisam. É uma pequena gota no oceano imenso das necessidades, mas gostaria que fosse canalizada para Angola, para as vossas Casas.

Neste domingo de Lázaro, imploro do Pai que ressuscite as consciências dos 'donos' da guerra em Angola e passem a ser fazedores de verdadeira e duradoura paz.» É do Porto.

Outra vez o Porto, Hospital da Lapa, um cheque graúdo, «com votos de Santa Páscoa, que farão o favor de enviar para Angola, onde haja mais carenciados». Onde é o que os não há naquela terra mártir!

Esta mensagem, de S. João da Madeira:

«Saúde e Paz para toda a Comunidade e que o Senhor guarde toda a família que luta em Angola e Moçambique é o que de todo o coração desejo.

Com a Páscoa à porta, venho trazer um pequenino foliar, muito pequenino mas de todo o meu coração. Gostaria que, junto a outros, ele fosse para Benguela onde vivi 23 anos. Bem sei que não é nada e dói-me o coração por isso, Deus o sabe... mas de momento não posso mais.»

Duas presenças de Santo Tirso: *Zé Ninguém* com vinte e cinco mil e «a intenção de que seja para Angola ou Moçambique para ajudar a dar de comer aos que nada têm.» (Descanse este *Zé Ninguém*, mais um de vários que conta o nosso historial, que chega cá tudo quanto manda, seja em directo, seja no Lar ou no Espelho da

Moda.) E oito vezes mais de Diamantina com igual intenção.

Maria Teresa, de Lisboa, com cem «para as vossas Casas de África» e «os melhores votos para que Nosso Senhor continue a dar a coragem precisa para tão grande missão».

Da Amadora, o assinante 37749 com um cheque de trinta e esta delicada recomendação: «Não enviem recibo nem qualquer menção. O que é nosso dever, não se agradece».

Continuamos pelo Sul, Charneca da Caparica:

«É com muita alegria que envio esta pequena importância que gostaria, se possível, fosse enviada para as Casas de África, a fim de contribuir para minorar a situação angustiante em que vivem.

Recebi algum dinheiro, que não esperava, e é daí que tiro esta pequena parte para tentar pagar, numa ínfima parte, a grande dívida de gratidão que tenho para convosco. O vosso jornal (e também meu!) vem periodicamente despertar a minha consciência adormecida para as necessidades dos meus irmãos mais carenciados. E eu que tenho recebido tantas bênçãos de Deus, esqueço-me de Lhe agradecer como devia. Desculpai por ser pouco e, se vos lembrardes, rezai ao Senhor por mim e por todos os que, como eu, são egoístas e esquecidos.»

Agora é Estoril:

«Tenho lido as notícias

dos nossos Padres de Angola e Moçambique, que me deixam o coração pequenino e apertado e me faz não acreditar na famosa ajuda humanitária.

Por um lado há a ajuda humanitária, por outro a venda de armas; por isso se matam os pacifistas.

Oh meu Deus que mundo louco! Por isso O GAIATO quando chega cá a casa é sempre 'devorado' pois é o único órgão de comunicação social que não só não fala em guerra como só fala de Amor.

Bem hajam por isso. Até os horrores que os nossos Padres devem ter presenciado são relatados com doçura.»

E logo ao lado, Cascais:

«Bom amigo Padre Telmo! Como está de saúde? Espero que bem, e que o Senhor continue a ajudá-lo e a dar-lhe a coragem necessária para ajudar esse povo angolano, tão sacrificado pela guerra.

Nunca me esqueço de rezar por si e por todos os missionários/as aí presentes em Angola.

Pedi a Paço de Sousa, para lhe enviarem um cheque de 17.000\$00, de pessoas amigas, aqui de Cascais.

Desculpe ser tão pouco, mas é dado com muito carinho e amizade.

Leio sempre com muito gosto as suas palavras vindas daí.

Obrigado pela coragem que dá a todos esses com quem trabalha.»

Voltamos ao Norte: De Famalicão, a irmã do nosso Padre José Maria: «Tive reunião de curso do Magistério Primário de Braga — 40 anos de exercício. Encontrei muitas colegas que tinham estado no Ultramar. Houve lágrimas de alegria! No fim do almoço pedi a palavra, e disse que tinha um irmão em Moçambique, e que quem durante 40 anos tantas crianças ajudou, não lhes ficaria mal lembrar as de Moçambique, que neste momento necessitam de tudo. As migalhinhas começaram a cair, a cair e juntei o que envio.»

Daqui à beira, a Paróquia de Rio de Moinhos com a sua renúncia quaresmal, duzentos e trinta e três contos, que destinaram às nossas Casas de África.

Em S. Romão do Coronado, o Grupo de Jovens da Paróquia organizou uma campanha a que deu o nome «Um sorriso para África» e reuniu duzentos e quinze contos e montes de roupas e outras coisas úteis.

Não muito longe, é a Paróquia de S. Tomé de Negrelos, já «useira e vezeira» no seu interesse pelo sofrimento imerecido dos nossos irmãos de Angola e Moçambique e na consequente mobilização dos seus paroquianos. Cá está ela, de novo, com duzentos e três contos e esta mensagem tão fraterna do seu Pároco:

«Caros Padres e prezados amigos:

A minha dívida pessoal com os irmãos precisados

tem sido atenuada pela vossa mediação. Também a minha admiração por essa Obra, divinamente inspirada, é traduzida toscamente na moeda corrente dos humanos. Associe-me aos 50 anos com alegria, sobretudo agora que voltastes a África e acompanhais os 'passos' desse povo mártir. Sinto-me pequenino, cá atrás, ao pensar no veterano da frente — Padre Telmo,

ou no Padre Manuel, um pouco adiante no curso, mas agora com um avanço sem meças. Incluo os Padres que cá ficaram, com maior sobrecarga.

Aceitai, pois, o cheque anexo, para repartir igualmente pelos quatro: Paço de Sousa, Malanje, Benguela, Moçambique.

Desculpas pelas migalhas, e oremus pro invicem.»

Padre Carlos

## Vistas de dentro

### Amigo do Senhor

NO oratório duma das nossas Casas, quando ia para fazer a oração da manhã, ao abrir a cortina que divide a sala, encontrei um dos nossos pequenitos, de oito anos, ajoelhado e de mãos erguidas mesmo juntinho ao sacrário. Quando me viu, retirou-se para a sua obrigação.

Fiquei maravilhado com aquelas duas presenças: a do Senhor e a da companhia daquele seu amigo. Não lhe disse nada. Ajoelhei também e fiquei aí algum tempo a saborear o encontro.

Este menino e seu irmão cego de um dos olhos foram abandonados pelos pais que também se abandonaram um ao outro e desapareceram. O povo da aldeia onde foram ter, matou-lhes a fome e pediu ao pároco da freguesia para os trazer a nossa Casa.

Chegaram cheios de abandono e de desconfiança, há dois anos. Ontem, o mais velhinho saudar-me com um beijo e o mais novo encantou-me com sua presença de amigo do Senhor. Nós acreditamos na presença d'Ele e na Sua bondade a animar as nossas vidas. A presença do Senhor animou Pai Américo até ao fim.

### Filhos confiantes

NA semana passada fomos a casa de três dos nossos casados que pediram ajuda. O primeiro tem quatro filhos. Casado ainda há pouco, comprou um terreno abandonado. No ano seguinte correçou, por suas próprias mãos, a construir a casinha. Passados anos pôs o telhado e as janelas. Algum tempo depois preparou-a por dentro. Agora, pede ajuda para fazer mais um quarto para a menina e uma salinha ao lado.

O correio levou-lhe um cheque para materiais. A mão de obra será dele, da mulher e dos filhos, nos fins-de-semana — com a ajuda de alguns amigos. Ficará um santuário feito com tanto esforço e renúncias!

Outro, com seis filhos, vive numa pobre casa arrendada. Já tem uma torneira a deitar água na cozinha. Veio perorar auxílio para a instalação eléctrica: «É para os meus filhos poderem estudar alguma coisa em casa».

Dissemos que sim. Um, também nosso e é vizinho, encarregou-se de tratar do necessário e apresentará a conta.

O terceiro — com cinco filhos e têm vivido todos só num quarto — pede o aumento da casinha. Encontrámos um construtor bondoso e sério. Ontem já vi as obras feitas em três quartos e a cozinha lavada de novo. Combinámos requerer baixada eléctrica para tornar a casa mais bela e acolhedora.

É tão consolador vivermos este espírito de família que procura ajudar-se e tem confiança! É tão bom sentirmos as mãos dadas e abertas!

Padre Horácio

## Alterações no endereço dos Assinantes

A devolução maciça de jornais com *insuficiência de endereço* (sic), pelos CTT, tem sido um grande calvário no sector de expedição d'O GAIATO. Custos do progresso!

É um problema a nível nacional. Agora, porém, referimos só a distribuição centrada em cinco áreas mais próximas, com importante desenvolvimento urbanístico — Ermesinde, Valongo, Gondomar, Trofa e Santo Tirso — onde se tem introduzido toponímia em lugares tradicionais e números de porta nos domicílios. Dos assinantes que receberam sempre o nosso jornal apenas com o lugar ou lugarejo da povoação — e não comunicaram oportunamente o nome da rua e número da porta — O GAIATO é devolvido ao remetente! Excepto em locais onde o carteiro habitual, os fun-

cionários da respectiva estação postal (que as há, votadas à optimização do serviço... público) motivam ou insistem com o destinatário para que nos peça a rectificação. O caso de Espinho, Praia da Granja, Barcelos, Penafiel, Paredes e outras localidades pelo País fora.

Obviamente, o recado tem dois objectivos:

— Os leitores comunicarem sempre eventuais alterações de endereço, pois *endereço bem torna tudo mais fácil* (sic);

— Ao menos, neste tempo de transição, o sector de distribuição postal seja mais compreensivo e procure limar omissões do destinatário. Como aliás se fazia noutro tempo — com menos *tecnicismo*...!

Júlio Mendes



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 5007888 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, nos de Maio: 73.350 exemplares.